



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à imprensa árabe e correspondentes estrangeiros

Palácio do Planalto, 27 de novembro de 2003

Presidente: Deixem-me dar uma rápida explicação, para vocês, antes de vocês começarem a fazer as perguntas.

Desde o início do nosso governo, nós decidimos que o Brasil ia ter uma política de relação exterior mais arrojada do que tinha, habitualmente. Isso significava alguns procedimentos. O primeiro procedimento nosso era ter uma política de relação muito forte com a América do Sul, a começar pelos países que compõem o Mercosul. E, depois, com toda a América do Sul, no sentido de discutirmos, efetivamente, uma política de integração continental, com uma integração física, discutindo que projetos precisaríamos aprovar para que houvesse a integração efetiva da América do Sul.

Porque integração pressupõe estradas, pressupõe ferrovias, pressupõe portos e aeroportos, pressupõe pontes, para que haja a possibilidade de os seres humanos e as mercadorias transitarem.

E nós tivemos, com um trabalho muito forte do nosso ministro Celso Amorim, do nosso ministro Luiz Furlan, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e do ministro da Agricultura, um trabalho intenso, junto com toda a nossa diplomacia. E, hoje, nós estamos consolidados nessa política de integração da América do Sul. Acho que vivemos um momento excepcional.

Depois, tomamos a decisão de fazer uma integração maior com os países africanos, sobretudo com os países de língua portuguesa, porque, durante muito tempo, o Brasil ficou muito voltado para a Europa e para os Estados Unidos e deixou um pouco a África de lado, sobretudo a parte de língua portuguesa, onde nós temos compromissos históricos e dívidas muito grandes a pagar, com esses países.



E, há uns seis meses nós decidimos a necessidade de termos uma política mais arrojada para o mundo árabe. O mundo árabe, que é tão importante para nós, do ponto de vista cultural, sobretudo para nós, brasileiros, que estamos dando ao mundo uma demonstração inequívoca de que aqui é possível viver em paz, independentemente de que país a pessoa venha.

Eu acho que nós temos uma quantidade enorme de árabes no Brasil, de todos os países. E, aqui, vivem na maior tranquilidade, na prosperidade e trabalhando como em poucos lugares do mundo se trabalha, com tranquilidade.

E nós entendíamos que era necessária uma aproximação muito forte com o mundo árabe. É importante lembrar para a imprensa que o último chefe de Estado brasileiro a visitar o Líbano foi D. Pedro II, ou seja, no final do século XIX. Portanto, nós estamos com uma dívida histórica.

E vamos fazer essa viagem com alguns objetivos: o objetivo de uma aproximação política, de uma aproximação cultural, de uma aproximação comercial. Nós queremos ver o que é possível aperfeiçoar nas nossas relações com o mundo árabe; ver o que os árabes têm, que pode interessar a um país como o Brasil mas, também, ver o que o Brasil tem que possa interessar ao mundo árabe. E, ao mesmo tempo, estreitar a relação do mundo árabe com a América do Sul.

Por isso, eu convidei o ex-Presidente da Argentina, o Presidente Duhalde, que é o representante do Mercosul, para ir, junto conosco, nessa viagem, e falar um pouco dos propósitos do Mercosul. E estamos com a idéia de fazer uma reunião, mais ou menos no mês de maio, entre os países árabes e os países da América do Sul, um encontro das autoridades, dos chefes de Estado. Vamos discutir isso, agora, nessa viagem, com todas as pessoas que nós encontrarmos. E eu espero que possamos fazer com que a América do Sul, ao invés de olhar apenas para a Europa, olhe um pouco mais à direita, para ver que existe mais gente, mais países do outro lado, um pouco mais para baixo da Europa. E que, também, o mundo árabe olhe um pouco para cá, para perceber



que, um pouco para baixo, olhando o mapa do mundo, dos Estados Unidos, tem um Continente importante, que tem um país importante, tem uma grande relação de amizade com o mundo árabe.

E estreitarmos essa relação, de forma definitiva, para que possamos fazer negócio, para que possamos discutir política, para que possamos discutir a paz, para que possamos discutir cooperação científica, tecnológica. E que possamos discutir uma grande política cultural entre os dois Continentes.

Esse é o objetivo da viagem. Ou seja, é uma decisão política nossa, que teve um apoio excepcional do Celso Amorim, como coordenador, do ministro Furlan e do ministro Roberto Rodrigues. E vamos levar alguns ministros para os países árabes. Vamos levar o ministro da Fazenda, vamos levar o ministro do Turismo, o ministro da Indústria e Comércio Exterior, vamos levar o ministro da Cultura, vamos levar deputados, vamos levar senadores. Senadores talvez não, porque nós temos a votação no Senado e, talvez, eu não queira, para que possamos, efetivamente fazer essa integração. Ou seja, eu acho que o Brasil tem um papel importante para cumprir nesse chamado mundo globalizado e nós vamos exercer com toda a força possível o papel que entendamos que devemos praticar.

É um pouco isso. E essa política nossa é uma política que em nenhum momento nós fizemos qualquer gesto para que perdêssemos a boa relação que temos com a União Européia e com os Estados Unidos, que são os nossos principais parceiros. Nós queremos aperfeiçoar as nossas relações com os Estados Unidos e com a União Européia, mas queremos abrir novos espaços, novos campos de atuação da nossa política internacional.

Então, o Brasil resolveu ir ao encontro do mundo, ao invés de ficar esperando que o mundo venha ao nosso encontro. Nós existimos enquanto nação, temos um papel importante e vamos cumpri-lo com todo o vigor e a competência dos nossos ministros nesse momento.

Por isso, na terça-feira, de manhã, estaremos embarcando para uma



viagem que, para mim, é histórica porque é uma pena que não possamos ir ao território palestino e a Israel, conversar sobre a paz. Mas também não faltará oportunidade.

Nós temos uma preocupação enorme pela paz. Nós achamos que, se o mundo inteiro, hoje, se preocupasse em combater a miséria e a fome, não haveria preocupação para a guerra, não haveria preocupação para o terrorismo. Ou seja, às vezes, na ociosidade social dos governo é que sobra espaço para aparecer gente que pensa em guerra e gente que pensa em terrorismo. E, se depender da nossa atitude enquanto governo, enquanto ser humano, nós faremos o sacrifício que estiver ao nosso alcance para que os seres humanos sejam mais humanos daqui para a frente.

Estamos prontos.

Tamin Daaboul – TV Árabe Síria no Brasil: Senhor Presidente, sou Tamin Daaboul, de Síria. O senhor vai conversar, visitar países árabes. Aqui, no Brasil, tem pão sírio, tem café sírio, tem também grupo sírio, que ganhou um troféu mundial para o Brasil em basquetebol. Mas, infelizmente, as relações, geralmente, na área cultural, na área comercial entre a Síria e o Brasil são um pouco fracas ou bem fracas. Tem um projeto, agora, aumentar essa relação ou vai assinar algum acordo lá na Síria?

Presidente: Bom, eu falo uma parte e, depois, o nosso ministro Celso Amorim fala outra.

Bem, eu quero lhe confessar que, se a relação cultural e política com a Síria foi fraca até agora, é porque nós também não éramos governo. E eu quero que você, como jornalista residente no Brasil, meça, no final do nosso governo, se houve ou não avanços na relação com a Síria. Nós queremos aperfeiçoar essa relação. Nós queremos aprimorar essa relação.

E vamos lá para discutir com o governo da Síria que, do ponto de vista



comercial, do ponto de vista político... Do ponto de vista cultural, nós temos muito mais a trocar, a fazer permutas, a fazer entrosamentos, para fazer com que os dois países se conheçam melhor, para fazer com que os dois países não permitam que a distância geográfica? atrapalhe a proximidade política, cultural e comercial que devamos ter.

É por isso que estamos fazendo essa viagem.

Ministro Celso Amorim: Eu poderia talvez complementar que, obviamente, em todas essas viagens, visitas presidenciais, as negociações vão até o último minuto. De modo que é difícil dizer o que está pronto, pronto para ser assinado.

Mas, no caso da Síria, especificamente, entre outras coisas, e atendendo a, justamente, um ponto que foi mencionado, já está praticamente acertado que se assinará um acordo de cooperação educacional e cultural. Com os outros países, também.

No caso específico da Síria, eu queria responder isso. E acho, também, só complementando o que o Presidente disse, quer dizer, essa visita é um ponto de partida, não é um ponto de chegada, quer dizer, então, estamos iniciando um processo.

Tamin Daaboul: Desculpe-me, mas tem acordo assinado, há 7 anos atrás, porque ele não começou a vigorar?

Ministro Celso Amorim: Não, a idéia, justamente, é ter programas de trabalho que concretizem os acordos existentes.

Presidente: E para cada país, também, é importante que, na área do Itamaraty, na área comercial, nós estaremos levando todos os acordos firmados há tempos atrás, e que ainda não foram executados, para discutir por



que da nossa parte não foi executado e por que, da parte do país que nós estamos visitando, não foi executado.

Muitas vezes, é um pequeno ato de um funcionário de um determinado Ministério que está faltando, para que a gente possa romper todas essas barreiras.

Randa Achmawi – Jornal Al Ahram (Egito): Presidente, nós sabemos que é verdade que o Brasil tem, como parceiro da União Européia e os Estados Unidos e esse é o caso para o mundo árabe, também. Nós vivemos, os nossos maiores parceiros são União Européia e Estados Unidos.

O problema é porque não há cooperação, por que não existe essa cooperação, quais as barreiras à cooperação sul-sul? Quais são os entraves? Por que essa cooperação não aconteceu até agora e como eliminar essas barreiras? O que o senhor acredita que deve ser feito, para que...

Porque, se não existe cooperação entre o Brasil, no mundo árabe, do ponto de vista árabe eu acredito que os árabes não sabem o que o Brasil tem. Eu não sei como são as coisas aqui. Mas o que o senhor acha? O que fazer para aumentar o intercâmbio entre esses dois países?

Presidente: Vamos ter em conta o seguinte: exatamente os Estados Unidos e a União Européia são países que têm uma forte política internacional. São países grandes produtores, com muita inovação tecnológica. E são países que, portanto, têm uma forte política internacional, com o objetivo de vender os seus produtos nos países de menos potencial tecnológico. Em alguns casos porque também são grandes compradores de petróleo de alguns países árabes.

E, muitas vezes, os países em desenvolvimento têm tido um certo acanhamento, na sua política internacional. Ou seja, é aquele negócio de um país em desenvolvimento achar que não tem condições de competir e que fica sempre esperando que alguém os procure para fazer negócio.



A nossa determinação é não ficar esperando que as pessoas nos procurem, é tentar fazer reunião com empresários brasileiros e empresários árabes, para que a gente saiba o que os árabes produzem e podem vender para nós, mas o que nós produzimos e também poderemos vender para os países árabes. É saber que tipo de cooperação nós poderemos fazer, na área da agricultura, na área do petróleo, na área cultural, na área da educação, na área da saúde.

Ou seja, é plenamente possível nós fazermos muita coisa. Agora, essas coisas só acontecem se nós nos conhecermos. Veja, eu comecei dizendo que o último chefe de Estado brasileiro a visitar o Líbano, que tem mais libanês no Brasil do que no Líbano, foi há cento e poucos anos atrás.

Ora, se você quer fazer comércio, se você quer fazer uma integração cultural e política, alguém tem que tomar a iniciativa de procurar. E nós estamos tomando a iniciativa. Estamos querendo dizer, para os países árabes: “Olhem, nós poderemos fazer negócio, nós poderemos fazer intercâmbio cultural, nós poderemos ajudar em muitas coisas, ser ajudados em outras coisas.

E nós gostaríamos que vocês conhecessem a América do Sul, conhecessem o Mercosul, conhecessem o Brasil e também os países da América do Sul.

Eu acho que, por isso, estamos propondo um encontro de chefes de Estado do mundo árabe com os chefes de Estado da América do Sul, para que haja essa interação. E, a partir daí, começemos a tornar realidade, muitas vezes, os protocolos de intenções, que são assinados às centenas e que, muitas vezes, não saem do papel.

O que estou dizendo para vocês é que, se depender da vontade do Brasil e da disposição do Mercosul e da América do Sul, daqui a três anos, o termômetro da relação América do Sul e mundo árabe, e Brasil e mundo árabe será outro.



Porque, habitualmente, os países mais pobres ficam esperando que haja um gesto do Estado americano ou um gesto da União Européia para nos ajudar. Acontece que eles têm interesses também nos seus Estados. Vejam, nós temos uma relação excepcional com a Europa. Mas a Europa, agora, acaba de receber dez novos países-membros da União Européia. Países que pertenciam ao Leste Europeu. Portanto, países que têm problemas econômicos, problemas tecnológicos, problemas sociais e, certamente, a União Européia vai ter uma relação privilegiada para garantir o desenvolvimento desses países.

Portanto, eu penso que há a possibilidade de menos recursos para alguns países em desenvolvimento do Sul. Então nós temos que procurar estabelecer entre os iguais, os países em desenvolvimento, uma experiência.

Essa coisa eu não li num livro. Aprendi no sindicato. Se você juntar aqueles que têm similaridade, aqueles que estão em vias de desenvolvimento, você pode formar um bloco que tenha mais força para negociar com aqueles que já têm força. Ou seja, tinha uma propaganda, tinha um comercial na televisão, há muito tempo, no Brasil, de empresas de petróleo, que dizia assim: “Quem não é o maior tem que ser o melhor”. Então, se não temos o poderio econômico e tecnológico que têm os países desenvolvidos, nós precisamos utilizar o que nós temos, que é a nossa força, o nosso potencial consumidor, o nosso potencial de formação de mão-de-obra, para juntar esse esforço e, a partir daí, criar um bloco capaz de fazer com que sejamos notados no mundo globalizado.

É essa a idéia central.

Randa Achmawi: Haveria planos, haveria propostas específicas na cooperação no plano cultural, no plano político, tecnológico? Vocês têm propostas? Vocês estão levando algumas propostas para o mundo árabe?



Presidente: Levaremos propostas para todos os países.

Jornalista: Você pode especificar?

Presidente: Possivelmente, na segunda-feira ou mesmo no dia, quem sabe, seja importante que o Itamaraty já possa até deixar com a imprensa aqui o que nós vamos levar para cada país. Sairemos daqui com um pacote de propostas, que serão complementadas com outras pelos nossos representantes que já estão lá, nas nossas embaixadas negociando.

Alexandre Rocha – ANBA (Agência Brasil-Árabe no Brasil): Presidente, durante a sua estada lá, nos países árabes, vai haver um evento em Dubai, que é a Semana do Brasil em Dubai, que, a princípio, é o maior evento exclusivamente brasileiro que já aconteceu lá na região. Qual a expectativa do senhor com relação a esse evento, em termos de possibilidade de negócios, atração de investimentos, esse tipo de coisa? É uma semana inteira.

Presidente: Olhe, nós vamos ter, como disse você muito bem, a primeira grande feira de negócios no mundo árabe. E vai ser também uma feira com um potencial cultural extraordinário. E nós queremos, nessa feira, oferecer não apenas aquilo que nós temos para vender aos nossos amigos do mundo árabe, como também queremos levar projetos para oferecer a contrapartida de investimentos para empresas árabes que, porventura, queiram ganhar dinheiro na América do Sul.

Ou seja, o nosso papel é mostrar que o nosso dinheiro é tão valioso quanto qualquer dinheiro do mundo e que uma empresa árabe pode, tranqüilamente, vir investir aqui, nos projetos que nós estamos priorizando, de infra-estrutura. Nós temos projetos na área de hidroelétrica. Nós temos projetos na área de grandes ferrovias, de rodovias. Nós temos projetos na área de



refinarias. E isso são coisas que podem sensibilizar investidores que têm investimentos em outros lugares a falarem: “Bom, vamos tentar a sorte num outro país”. E, certamente, serão muito bem sucedidos aqui, na América do Sul. O que nós queremos dizer é o seguinte: estamos abertos, temos projetos e quem quiser discutir os projetos conosco, estaremos com toda disposição.

Randa Achmawi: E *joint-ventures*? Teria alguma possibilidade de fazer *joint-ventures*?

Presidente: Também. Possibilidade concreta. Por isso é que vamos levar muitos empresários nossos para lá. Possivelmente, nenhum lugar do mundo teve tanta vontade de visitar empresários como agora. Essa viagem para o mundo árabe tem um negócio maluco. Ou seja, a quantidade de deputados que querem ir, a quantidade de governadores que querem ir e a quantidade de empresários que querem ir, precisaria de uns três, quatro aviões. Ou seja, a maioria vai por conta própria, pessoas que estarão lá nos esperando. E nós estamos incentivando. Quem quiser ir, nós não podemos levar, mas, lá, farão parte da delegação oficial do governo e viajarão conosco por todos os países.

Ministro Celso Amorim: Presidente, gostaria de complementar que, além da feira de Dubai, haverá encontros empresariais em todos os países que o Presidente vai visitar. Quer dizer, isso também é uma coisa importante. A feira é uma grande mostra do Brasil, realmente, com aspectos gastronômicos, culturais, tecnológicos. Mas, além disso, haverá rodadas de negócios também. Mas em cada país que ele visitar haverá esses encontros empresariais, essa é uma coisa que vale a pena destacar.

Randa Achmawi: Sobre a transferência de tecnologia. Por isso que o interessante para nós é pensar em *joint-ventures*, para a idéia de haver uma



transferência de tecnologia.

Ministro Celso Amorim: Sem dúvida. Acho que é difícil prejudicarmos tudo que vai acontecer ou ir com uma programação absolutamente fechada. Nós estamos levando vários projetos, várias idéias. Como o Presidente mencionou, a idéia, por exemplo, de buscar investimentos também. E, aqui, como nós estamos com a idéia das parcerias público-privadas, isso gera oportunidades que deverão ser exploradas.

Acho que as *joint-ventures* nascerão desse contato. Quer dizer, o Presidente viaja com tantos governadores, que têm também muita influência nos seus Estados, com tantos empresários... Agora, naturalmente, as *joint-ventures* têm que nascer dos próprios empresários, no contato entre eles.

Alexandre Rocha: Presidente, ontem, foram anunciadas pelo ministro Furlan as diretrizes da política industrial. Um dos pontos centrais é a questão das exportações, que, enfim, o governo julga como uma prioridade incentivar. E, ali, há uma série de metas, de medidas que podem ser tomadas, entre elas – não é essa a palavra exatamente – mas a desburocratização e desoneração tributária das exportações. Quer dizer, há uma idéia do que pode ser feito nesse sentido?

Presidente: A desoneração nas exportações já está na nossa proposta de política tributária, que está sendo votada no Congresso Nacional. Essa é uma coisa importante.

A desburocratização vale muito, porque quanto mais facilidade, quanto menos papéis se precisar assinar e quanto menos tempo demorar para se concretizar os negócios, mais chances de obtermos sucesso nós teremos nessa nova política que estamos fazendo com o mundo árabe.

Portanto, nós vamos fazer isso. Ou seja, nós fizemos uma reunião,



pedimos para que fosse criado um grupo de trabalho para discutir isso. Nós já tínhamos pedido aos micro e pequenos empresários que nos entregassem uma proposta efetiva de desburocratização para as exportações, para as pequenas e médias empresas.

Mas uma coisa importante é o seguinte: olhem, nessa viagem, nós queremos discutir com os países como faremos a integração efetiva. Ou seja, nós temos poucos vôos do mundo árabe para cá. É preciso que haja interesse das empresas árabes e das empresas brasileiras para que haja mais vôos. É preciso que haja propaganda e divulgação das coisas boas que têm no mundo árabe e das coisas boas que têm no Brasil.

Ou seja, vamos ser francos aqui, popularizando o nosso tema: ninguém casa com alguém que não conhece. Não é? É preciso conhecer. É preciso conhecer, senão você casa por correspondência e dá um chute no escuro, ou seja, pode não dar certo.

Então, o que nós queremos é dizer: olhem, nós existimos, estamos fazendo isso com a China, estamos fazendo isso com a Rússia, estamos fazendo isso com a Índia, estamos fazendo isso com os países africanos, porque durante muito tempo nós ficamos muito subordinados à priorização da relação com os Estados Unidos e com a União Européia. E o mundo mudou muito. Então, nesse mundo globalizado, nós queremos dizer: Olhem, não será nem o Oceano Atlântico, nem o deserto do Saara que separarão o Brasil do mundo árabe. A nossa vontade política e a nossa paixão de estreitar essa relação serão maiores do que todos os obstáculos que tivermos.

Jornalista: Qual é a opinião do senhor sobre a lei de punições da Síria, votada no Congresso americano?

Ministro Celso Amorim: Eu acho melhor dar uma resposta de natureza mais genérica, mas acho que se aplica. Quer dizer, acho que a política do



Presidente Lula tem sido uma política de favorecer a cooperação e o engajamento e não as sanções e retaliações, sobretudo sanções e retaliações unilaterais. Acho que isso responde à pergunta que você fez.

Randa Achmawi: Para não ficar só muito em política, eu gostaria que o senhor falasse algo sobre as experiências bem sucedidas do Brasil. Todo mundo sabe, é uma coisa que se diz no mundo inteiro, que o Brasil conseguiu reduzir o analfabetismo, que teve sucesso em reduzir o analfabetismo em 50%. Isso é uma experiência que o mundo árabe poderia aproveitar. Gostaria que o senhor falasse um pouco disso.

Presidente: Olhe, nós, agora, estamos com um outro desafio: nós estamos nos comprometendo, até o final do nosso mandato, de alfabetizar quase 20 milhões de brasileiros.

E nós temos consciência de que o sucesso dessa política se dará na medida em que a gente utilize o potencial que a sociedade tem para oferecer e não apenas a estrutura educacional do Estado. É preciso envolver a sociedade.

E nós temos acordos fantásticos. Eu vou dar um exemplo para vocês: a Viviane Senna conseguiu, através da ONG dela, junto com um grupo de empresários, alfabetizar 600 mil crianças em Pernambuco. A CNI – a Confederação Nacional da Indústria – fez um acordo com o Ministério da Educação para alfabetizar 3 milhões de pessoas até o final do nosso mandato. E, assim, nós precisamos utilizar as empresas, utilizar as ONGs, utilizar os sindicatos, utilizar as igrejas, para que possam fazer essas políticas se transformarem num sucesso absoluto. Porque, se depender do Estado construir uma sala de aula para alfabetizar, não vai conseguir.

Então, nós temos que alfabetizar as pessoas em casa, temos que alfabetizar nas escolas, temos que abrir espaço à noite, nas universidades,



temos que abrir espaço nas igrejas. Ou seja, na verdade, é um mutirão de solidariedade que vai resolver o problema de alfabetização no Brasil.

E, aí, também, é a mesma política que queremos adotar, para combater a fome. Ou seja, é mostrar que isso não é da responsabilidade do Presidente da República ou do governo, é uma coisa da responsabilidade da sociedade brasileira.

Ministro Celso Amorim: Deixa eu perguntar, aqui, uma coisa para o Presidente. Depois a gente pode deixar mais uma pergunta e termina, não é? Mas, senhor Presidente, eu queria só complementar: o aspecto social é muito importante e, digamos, quando eu fui preparar um pouco a visita do Presidente, senti muito interesse nisso.

E acho que uma coisa muito importante, também, que não foi mencionada, é que o Presidente vai visitar a Liga Árabe. Eu, quando fui, como ministro, fui o primeiro ministro latino-americano da Liga Árabe. Certamente, o senhor será o primeiro Presidente latino-americano a visitar a Liga Árabe. É uma coisa muito importante.

E eu acho que é muito importante dizer que, pelo menos como está previsto, se não houver nenhuma alteração, essa presença do Presidente ocorrerá coincidentemente com uma reunião de ministros da área social da Liga Árabe. Então, ele terá ocasião de, nesta, também falar dos nossos desafios. Essas questões que o Presidente abordou aqui serão abordadas diretamente lá, também.

Jorge Svartzman - AFP: Presidente, queria fazer uma pergunta, ainda, por favor. Só queria saber se em seus contatos políticos vai ter a possibilidade de obter apoio dos países árabes para o desejo do Brasil de ter uma cadeira permanente no Conselho de Segurança, e se o Brasil vai levar uma mensagem de paz, uma mensagem do processo de paz no Oriente Médio.



Presidente: Olha, certamente o meu avião inteiro será a mensagem de paz que eu quero levar, em cada lugar onde eu botar os pés. Eu acho que a paz, ela é uma necessidade, para melhorar a vida dos seres humanos. E nós, certamente, iremos conversar com todos os Chefes de Estado sobre duas coisas: a necessidade da renovação das Nações Unidas e pleitear que países possam apoiar o Brasil como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU. Pode ficar certo que nós falaremos disso em todos os países.

Muito obrigado.

Ministro Celso Amorim: Deixa eu complementar uma coisa, aqui, que o Presidente disse, acho que me fizeram uma pergunta, acho que é importante saber que, com relação a essa proposta de encontro, entre países árabes e países da América do Sul, essa proposta já foi feita, formalmente, por carta do Presidente a todos os presidentes dos países árabes, a receptividade foi muito boa. O secretário-geral da Liga Árabe entrou em contato comigo e, agora, vamos conversar sobre os detalhes.

Jorge Svartzman: Quando foi feita?

Ministro Celso Amorim: Foi feita há uns 4, 5 meses.

Presidente: Mas vocês podem perceber que em toda sala que vocês entrarem, minha, agora, terá um mapa do Brasil e o mapa do mundo. O mapa do Brasil é para eu perceber que o Brasil é maior do que a capacidade da minha visão. Porque eu olhando, aqui, do Palácio do Planalto, eu consigo ver pouca coisa na frente. Mas o Brasil é muito maior.

E, aqui, é a mesma coisa, ou seja, se eu ficar olhando, eu não vou ver nada para lá. Então, eu tenho que saber que tem gente, que tem



desenvolvimento, que tem cultura, que tem progresso em outras partes do mundo, e que percebem que não é tão distante para a gente atravessar de um país para outro.

Ou seja, se no passado as pessoas atravessavam continentes a pé para construir novas civilizações, por que nós não podemos ir de avião para fazer o nosso intercâmbio?

Muito obrigado, gente.

/mcpro/lrj